

## A REPRESENTAÇÃO DO DISCURSO OUTRO EM UM SEMINÁRIO VIRTUAL

Fernando Hartmann

Doutorando do Programa de Pós Graduação em Educação - UFRGS

Orientadora Regina Maria Varini Mutti

### Resumo:

Tomando como base teórica Lev Vigostki, Mikhail Bakhtin e Jacqueline Authier-Revuz partimos dos pressupostos de que o pensamento se realiza na palavra e de que uma das formas possíveis do processo de aprendizagem é a incorporação das palavras do outro no discurso de um locutor. Analisamos as interações dos participantes de um seminário virtual e interrogamos as formas da língua que possibilitam a um dado discurso se constituir a partir de outros discursos possibilitando assim um processo de aprendizagem que acontece pela incorporação das palavras do outro, explicitando que elas são do outro, a um determinado discurso enunciado. As formas da língua analisadas foram o discurso direto, discurso indireto, modalização em discurso segundo e modalização autonímica de empréstimo. Nós pensamos com as palavras do *outro*. Este aspecto da aprendizagem que verificamos nos recortes discursivos destacados de um seminário virtual também mostra que as palavras incorporadas nunca o são de modo passivo e as formas como elas aparecem no discurso fazem parte da constante construção do sentido que ocorre na interação do um com o outro.

Palavras chaves: aprendizagem, discurso, palavra, pensamento, seminário virtual.

A nossa pretensão neste artigo não é a de esgotar todas as formas de Representação do Discurso Outro (RDO), conforme nos apresenta Jacqueline Authier-Revuz (1995, 2004), que podem ser articuladas em um discurso dito pedagógico como o experimentado na forma de seminários virtuais. Antes disso o nosso interesse reside em apontar para a existência destas formas e suas possíveis implicações no campo da aprendizagem. A lógica que se desenvolve ao longo do artigo parte de um pressuposto que organiza todos os outros conceitos sejam eles relativos à psicologia, educação ou lingüística. O pressuposto é de que o pensamento é composto por palavras. Conforme Lev Semenovich Vigotski (2001, p. 409) “a relação entre o pensamento e a palavra é, antes de tudo, não uma coisa, mas um processo, é um movimento do pensamento à palavra e da palavra ao pensamento [...] O pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza”. A questão que se apresenta a partir deste pressuposto é interrogar as formas da língua que possibilitam a um dado discurso se constituir a partir de outros discursos possibilitando assim um processo de aprendizagem que acontece pela incorporação das palavras do *outro*, explicitando que elas são do *outro*, a um determinado discurso enunciado.

Antes de iniciarmos a análise das formas de representação do discurso outro encontradas no *corpus* analisado é preciso esclarecer algumas particularidades deste *corpus*. Trata-se de uma espécie de fórum de

discussão virtual, um programa que foi construído pelo laboratório de estudos em linguagem e cognição do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Este programa se chama for-chat, pois se trata de uma mistura entre um fórum de discussão e um chat de conversação e funcionou possibilitando um seminário virtual em uma disciplina de pós-graduação. Cada estudante participou de sua casa. Havia estudantes de Salvador, Porto Alegre, Pelotas, Brasília e outras cidades do país. Trata-se de um fórum de discussão fechado, isso quer dizer que cada estudante tinha uma senha para entrar no seminário.

Existem ainda algumas condições especiais ligadas aos dispositivos de comunicação mediatizada por redes de informática como a comunicação síncrona e assíncrona, as funcionalidades técnicas do copiar-colar, introduzir links, etc. De uma maneira geral nós admitimos que um fórum de discussão pela internet é uma forma de comunicação híbrida da escrita conversacional: o código utilizado é o escrito, mas as trocas de mensagens entram em uma estrutura dialógica característica do discurso oral. O quadro participativo das trocas no for-chat é muito complexo. Toda opinião, todo argumento é submetido a uma apreciação coletiva. No for-chat, todas as mensagens podem ser, ao mesmo tempo, explicitamente endereçadas e lisíveis por todos os participantes. Mesmo se uma mensagem é endereçada explicitamente a um destinatário direto, uma intervenção resta lisível para todos. Assim os escritores perdem em parte o controle do formato de recepção de suas mensagens. O dispositivo implica que todas as mensagens sejam virtualmente endereçadas a todo conjunto de estudantes. Certas mensagens explicitam certos aspectos do formato de recepção, utilizando um “nós” inclusivo ou fórmulas como bom dia a todos. O locutor se endereça seguidamente ao grupo, espera uma resposta que será de um outro locutor individual, mas também uma resposta coletiva. Vemos bem a passagem na qual uma questão endereçada a um dos membros indiferenciados do grupo (não importa quem) torna-se uma questão de tal ou tal, ou ao contrário, uma questão endereçada a um dos membros do grupo em particular torna-se uma questão do grupo, uma questão coletiva. Observamos um fenômeno de colaboração enunciativa entre os participantes. Várias mensagens são intervenções reativas as mensagens já postadas. Observamos também processos de co-enunciação pelos quais B cita A Cada um é co-responsável ou co-produtor do discurso coletivo. O discurso produzido por um indivíduo contribui para a construção de um discurso coletivo. O diálogo é co-construído pelo conjunto de locutores e o dizer de cada um torna-se o tecido no qual acontece a aprendizagem.

Nós podemos dizer que encontramos neste seminário um diálogo a várias vozes no seio do qual o professor não se encontra em posição de grande destaque perante os alunos. O professor aceitou tornar-se um participante de uma certa forma igualitária, mas ao mesmo tempo ele não sai de sua posição de professor. Um seminário é uma forma do discurso pedagógico no qual a diferença de saberes, condição necessária à pedagogia, não se faz tanto ao nível do mestre e aprendiz, quer dizer um grande conhecimento e um conhecimento menor em formação, mas na possível troca de conhecimentos pressupondo que cada participante tem algo a partilhar e que se expressa pelo direito a enunciar suas idéias. Devido a todas estas características o seminário virtual analisado se mostrou um campo vasto no qual diversas formas de incorporação explícita da palavra do *outro* ao discurso que se forma no processo de aprendizagem são constantemente postas em atividade.

Neste artigo analisaremos as formas do discurso relatado mais conhecidas como o discurso direto e discurso indireto acrescidas da modalização em discurso segundo e modalização autonímica de empréstimo, compondo assim o setor do discurso que Authier-Revuz chama de Representação do Discurso Outro. Buscamos identificar nas intervenções individuais dos participantes do seminário virtual a emergência do discurso *outro*. O importante é ficar claro que o *outro* de que se trata é sempre o *outro* enquanto discurso e o *um* de que se trata é sempre o *um* enquanto um discurso que se sustenta na ilusão de uma unidade mantida pelo locutor. Não se trata de forma alguma do *um* como ente ou do *outro* enquanto ente, estamos sempre tratando de discursos.

Seguindo o trabalho de Vigostki (2001, p.408) no qual afirma que “em cada fase do desenvolvimento, existe não só a sua estrutura peculiar de significado verbal mas também a sua relação específica entre pensamento e linguagem, determinada por essa estrutura”, bem como o de Mikail Bakhtin (2003, p.114) no qual diz que,

“de fato, para a consciência individual [...] a palavra na linguagem é uma palavra semi-estrangeira. [...] Até o momento no qual ela é apropriada. Ela é sobre lábios estrangeiros, em contextos estrangeiros, a serviço de intenções estrangeiras, e é lá que é preciso a tomar e a fazer ‘sua’. [...] A linguagem populada e superpopulada de intenções estrangeiras não é um meio neutro. Ela não se toma facilmente, livremente, a propriedade do locutor.”

postulamos que a constituição do *um* acontece na interação com o *outro* possibilitada pela palavra. Neste sentido tentamos mostrar que a construção do pensamento derivada de uma prática pedagógica como um seminário virtual passará necessariamente por estruturas lingüísticas. Este processo de submissão das palavras do *outro* as intenções do locutor é um processo complexo que segue determinada lógica de unificação do discurso e obedece as leis da língua. Poderemos observar nas análises a seguir de mensagens postadas no for-chat (nas quais o que nos interessa analisar é o que está sublinhado pelo autor deste artigo) algumas formas de emergência do discurso *outro* no *um* que fazem parte da construção do sentido e também do processo de pensamento daquele que aprende.

## **Discurso direto**

1) Usuário: Data: 22/10/2003 Hora: 20:25:55 Mensagem:

Na página 114, ele coloca que "a expressão exterior, prolonga e esclarece a orientação tomada pelo discurso interior e as entoações que ele contém". Será que Bak não está falando aí de uma espécie superficialidade (enquanto superfície) em que desliza a existência humana, ou ainda, em que se consolida o deslize, o movimento humano pela linguagem.

2) Usuário: Data: 22/10/2003 Hora: 20:29:52 Mensagem:

Otávio Paz, em seu livro O arco e a lua, diz que "A palavra é o átomo da construção da nossa realidade. O inominado é o que desconhecemos." Partindo daí, acho que a via é de mão dupla: tanto constituímos como nos constituímos no fluxo da linguagem...

No discurso direto nós temos a emergência de um discurso outro no discurso caracterizado pela diferença marcada de *um* e *outro* discurso. A linearidade do segmento é recortada exibindo uma heterogeneidade no plano enunciativo, semiótico e sintático. Nesta forma do discurso o *outro* discurso é mostrado explicitamente como vindo de outro lugar. Authier-Revuz (2004) escreve que na zona do discurso direto “o *um* fala do *outro* exibindo, localmente, como *outro*”. O *outro* neste caso está formalmente bem demarcado, sendo trabalho do *um* enquanto discurso principalmente fazer o *outro* discurso se mostrar.

O que podemos ressaltar nesta forma do discurso relatado, do ponto de vista da aprendizagem, é a referência às palavras do *outro* e uma incorporação destas palavras ao discurso explicitando que o sentido destas está fortemente ligado ao *outro* discurso pronunciado por outro sujeito. Mesmo assim o locutor se apropria destas palavras para compor um outro sentido evidenciando, através do recorte na linearidade do segmento, que esse sentido não é transparente, único e fechado. O discurso direto nos possibilita o recurso de mostrar que as palavras são do *outro* e que o sentido delas está ligado a uma determinada enunciação, mas que ao ser retomado em outra enunciação mostra toda ambigüidade inerente à linguagem. O locutor, mesmo ao se apropriar das palavras do *outro*, ainda mantém uma distância frente ao sentido ligado a estas palavras.

### **Discurso direto não marcado**

3) Usuário: Data: 23/11/2003 Hora: 20:54:39 Mensagem:

É isso mesmo. O\_falante\_só\_consegue\_aceitação\_(lembra-se\_da\_nossa\_fórmula\_discutida\_na\_aula\_passada?)\_se\_houverem\_as\_condições\_necessárias\_no\_contexto\_social.

4) Usuário: Data: 09/11/2003 Hora: 17:34:25 Mensagem:

Pessoal\_por\_motivos\_de\_força\_maior\_(ves\_já\_devem\_ter\_lido\_isto\_antes\_em\_algum\_lugar...)\_não\_poderei\_participar\_hj.  
Mas amanhã a tarde eu lerei com carinho as demais contribuições! C., valeu pelas respostas, acho que tenho muito q pensar! Abraços a todos e boa discussço! M.

O discurso direto não marcado é a zona que conhecemos como discurso direto livre. Trata-se da retomada de um discurso fonte através de uma modalização do dizer pelo reenvio ao discurso *outro*. Conforme Authier-Revuz (2004) trata-se de “um discurso outro após o qual falamos e não mais um discurso outro do qual falamos”. A especificidade desta forma é a questão temporal e mostra a importância da memória discursiva na constituição do sentido.

### **Discurso Indireto**

5) Data: 09/11/2003 Hora: 20:36:39 Mensagem:

Se considerarmos tema e significação, parece que ficou claro a distinção entre ambos, quando ele diz que a significação é reiterável e idêntica, como no caso de que horas são? (ou ainda... que saco!!...) mas o tema, ah! Esse é irreduzível à análise... E a academia que me desculpe, mas achei o exemplo acima muito ilustrativo para exemplificar a multiplicidade de instâncias históricas em que essa expressão teria os mais diferentes elementos não verbais a serem considerados....

6) Data: 15/10/2003 Hora: 19:26:32 Mensagem:

Gostei do cap. 4. é interessante aquelas indagações todas sobre delimitar o objeto de estudo e as decorrentes dificuldades advindas destas delimitações. Para chegar 'a importância do meio social há toda uma explicação sobre as alternativas que Bakhtin julga inapropriadas. Em determinado momento ele fala que mesmo o som fisiológico é o único como a composição química individual do sangue de cada pessoa (embora a ciência não seja capaz ainda de definir fórmulas individuais do sangue).

O discurso indireto é quando a emergência do discurso *outro* no *um* do discurso ocorre pela integração do *outro* ao *um* sintático e enunciativo. Segundo Authier-Revuz (2004) "o *um* fala do *outro* reconduzindo ao *um*". Nesta zona do discurso o *outro* aparece como homogeneizado, mesclado ao *um* do discurso.

Neste caso a diferença que podemos apontar com relação ao discurso direto é justamente a tentativa de unificação do sentido pela utilização das palavras do *outro*. As palavras ainda são explicitadas como sendo do *outro*, porém a sua incorporação ao discurso do enunciador ocorre como se o sentido nas duas enunciações, do autor e a incorporada, fosse o mesmo. Podemos aqui verificar que o sentido de uma mesma frase, se utilizarmos a forma do discurso direto ou indireto, não é o mesmo.

### **Modalização em discurso segundo**

7) Data: 25/10/2003 Hora: 16:59:09 Mensagem:

Oi, S... Tenho lido outros livros que se referem a Bakhtin, como devo ter mencionado. Gostei muito de algo que diz mais ou menos assim: Num mundo tão fragmentado, onde o individualismo é reificado, o pensamento ocidental tem privilegiado a racionalidade que permeia as Ciências Humanas(e não posso deixar de refletir, quando aqui se "festeja" o centenário da morte de Júlio de Castilhos, um dos mais ardorosos discípulos de A. Comte, o quanto sua murcha de ferro deixou marcas que perdurarão por muito tempo, certamente...)

8) Data: 10/12/2003 Hora: 20:46:59 Mensagem:

Acho que o que a K. e a G. colocam, é também o que eu penso. O Bakhtin, do ponto de vista da linguagem, propõe uma articulação entre o que se repete (a língua) e o que sempre muda (contexto).

Esta zona que podemos chamar modalização do dizer como discurso segundo (MDS) ou se desejarmos, modalização pelo discurso *outro* se refere ao campo da modalidade. Trata-se da modalização de *um* discurso pelo reenvio a um discurso *outro*. Conforme Authier-Revuz (2004) “o *um* fala após o *outro*; é a zona dobrada da modalização do dizer pelo discurso outro, no qual o outro não é mais do que falamos mas o que interfere no dizer, o que o altera, intervindo como fonte, seja de suas predicacões, seja de duas maneiras de dizer”.

Neste caso existe a incorporação da palavra do *outro* juntamente com o sentido, porém o sentido é colocado em suspenso, deixando claro que o *outro* discurso está interferindo na construção do discurso do locutor e o sentido das palavras que ele utiliza, mesmo sendo as mesmas, podem trazer sentidos diferentes.

### **Modalização autonímica de empréstimo**

9) Data: 10/12/2003 Hora: 20:52:09 Mensagem:

Sobre a questão da G., penso que entramos novamente na metodologia. Todorov diz que Bakhtin anuncia a " crítica dialógica" e que isto tem repercussões na metodologia das ciências humanas. Os níveis de pesquisa, como ele coloca (aos quais a G. se refere) tratam do estabelecimento de fatos, de uma explicação por leis (o que é típico das ciências exatas) e da atividade de interpretação.

10) Data: 05/10/2003 Hora: 22:17:17 Mensagem:

Olá pessoal!! M., ao ler tua colocação fiquei pensando nisso de subjetivo-objetivo. Vejo que na leitura de bakhtin, não há subjetividade, mas sim, como ele mesmo chama na Estética da Criação Verbal, há as individualizações, os estilos... Não estou lendo o capítulo 3, mas mesmo ele tomando emprestado as idéias do velho barbudo ele as transpassa para a linguagem e dá a elas uma interpretação a luz da filosofia da linguagem.

A modalização autonímica é uma configuração enunciativa complexa cumulando o uso de uma palavra para designar uma coisa e o retorno em menção sobre esta palavra. Sua identificação como forma de representação do discurso outro, quer dizer como modalização autonímica de empréstimo, releva sempre de um trajeto interpretativo do qual não podemos esquecer a existência, mesmo quando a interpretação se impõe sobre um modo de evidência ela não tem o mesmo estatuto que uma marca de língua.

A utilização da modalização autonímica de empréstimo deixa claro que as palavras incorporadas do *outro* discurso pelo locutor deixam o sentido em suspenso, pois é justamente na tentativa de unificar o sentido que o locutor evidencia a materialidade da língua e a então necessidade de modalizar o seu dizer procurando afastar ou marcar a ambigüidade do sentido das palavras que ele incorpora ao seu dizer. O locutor expressa que ele e as palavras que enuncia não são a mesma coisa, mas que ele precisa destas palavras que vem do *outro* para poder enunciar, para poder ser *um*. Neste caso se torna mais clara a luta entre o locutor e as palavras na tentativa de formação de um discurso que corresponda a suposta unidade daquele que enuncia.

## Conclusão

O que mostramos através desta análise são algumas formas na língua nas quais o locutor toma a palavra do *outro*, mostrando que ela é do *outro*, visando constituir um discurso unificado por aquele que enuncia. Se aceitarmos a noção de discurso como sendo o que faz laço social podemos entender o quanto essa amarração via língua constitui um processo de aprendizagem pelo qual a incorporação seguida da diferenciação da palavra do *outro* possibilita a construção de um imaginário frente ao qual o aprendente assume uma posição de participante ativo na construção de um saber. Essa tensão entre o que é do singular e o que é do social, na qual o sujeito emerge, mostra o quanto à relação pedagógica, neste caso, está relacionada a uma diferença de lugares antes de uma diferença de saberes. Certamente existe um saber em jogo, mas esse saber, que somente pode tomar forma via língua, via palavra, não é um saber transmitido e sim partilhado entre os falantes. Pois as palavras, que não possuem um proprietário, carregam a única forma que temos para pensar. Nós pensamos com as palavras do *outro*. Este aspecto da aprendizagem que verificamos nos recortes discursivos aqui destacados de um seminário virtual também mostra que as palavras incorporadas nunca o são de modo passivo e as formas como elas aparecem no discurso fazem parte da constante construção do sentido que ocorre na interação do um com o outro.

## Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Ces mots qui ne vont pas de soi – Boucles réflexives et non-coïncidences du dire*. Ed. Larousse, Paris. 1995.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *La représentation du discours autre: un champ multiplement hétérogène* in “Le discours rapporté dans tous ses états”, eds : J.M.Lopez Munoz, S. Marnette, et L. Rosier, L’Harmattan 2004, pp.35-53.

BAKHTINE, Mikhail, *Esthétique et théorie du roman*. Ed. Gallimard. Mesnil-sur-l’Estrée. 2003.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. Martins Fontes. São Paulo, 2001.